

SEXISMO E RACISMO

Por Suely Carvalho

Rever e ampliar o conhecimento sobre a origem da cultura sexista e racista tem sido praticado permanentemente em todas as interfaces da ciência acadêmica e da ciência popular desde a existência de um seletivo grupo de sábios e sábias ancestrais que nos libertaram da prisão da ignorância; Che Guevara, Ghandi, Jesus Cristo, Dalai Lama, Zapata, Dandara, Zumbi, Salomão, Maria Madalena, Sócrates e tantos outros contemporâneos e antigos.

A partir do conhecimento surge o desafio da desconstrução de conceitos e valores respeitando a cultura, facilitando a compreensão dos diferentes papéis, democratizando os direitos de cidadania, compreendendo também o respeito à livre opção religiosa e à livre opção sexual. Democratizar a cidadania é a ação inclusiva do estado na administração do dinheiro público garantindo a universalidade, equidade e qualidade das instituições públicas.

A livre opção religiosa respeita a escolha individual e rompe com as ditaduras fundamentalistas que manipulam a emoção e a fé. Isso que no início parece utopia pode ser realizado; entretanto, é necessário passar por alguns caminhos nunca antes caminhados; por exemplo, conscientemente compreender que é necessário um tempo real para a verdadeira mudança de paradigma e de comportamento.

Mudar comportamento necessita ter uma proposta estruturadora construída coletivamente para ocupar o lugar do que foi subtraído. Que a nova proposta facilite algumas necessidades básicas como; garantia da vida, da prosperidade sustentável, e da transcendência.

O desenvolvimento científico institucional, tecnológico e social traz alguns benefícios e causa alguns prejuízos, mas também revela erros e fracassos de modelos, práticas e paradigmas evidenciados nos estudos epidemiológicos. Nesse elenco de erros e fracassos o sexismo é o traço mais forte e hegemônico da cultura planetária, e o efeito são sociedades profundamente desiguais dividindo a população em classes por aspectos econômicos, biológicos e culturais.

Nascer do sexo masculino ou nascer do sexo feminino já significa papéis definidos com prevalência de um sexo em detrimento do outro; evidentemente que as mulheres unicamente porque nasceram do sexo feminino tem menos direitos de cidadania, menos poder público e menos liberdade.

Sabemos a partir dos permanentes estudos acima citados, que no período civilizatório da organização da agricultura e da pecuária e depois na idade média, o gênero feminino sofreu profunda mudança no tecido social com perdas de direitos e perda de qualificação humana, categorizando as mulheres como seres inferiores.

Índios, negros, asiáticos são nativos planetários, mas estão secularmente ameaçados de perda de territórios, culturas e direitos em benefício de uma reduzida elite herdeira da côrte. As palavras são a expressões da compreensão da questão é o esclarecimento do por que das atrocidades cometidas por seres humanos contra seres humanos, as palavras dizem mas o fato evidencia.

A mulher índia grávida é atendida no pré-natal sem a devida atenção sobre suas características biológicas, sem considerar sua cultura alimentar limitada de vitaminas e de maior contato com parasitos. O bebê tem maior vulnerabilidade e a mulher tem maior possibilidade de uma debilidade pós-parto.

A mulher asiática tem predisposição a transtornos digestivos também pela sua cultura alimentar cuja base é o arroz. Quando grávida, os prenatalistas geralmente desconhecem essas características; muitas vezes a gravidez é desconfortável por problemas digestivos e a tendência é que o bebê tenha baixo peso e por isso enfrente desafios maiores ao nascer e nas primeiras semanas pós-parto.

A mulher negra, sem dúvida, tem muito mais agravada contra si a discriminação racial imbricada com o sexismo, nos índices da mortalidade materna de qualquer país ocidental em desenvolvimento o maior percentual está entre as mulheres negras. É desumano. No pré-natal não é dada a devida atenção às predisposições inerentes ao povo negro; hipertensão arterial, diabetes, miomas uterinos, anemia falciforme, osteoporoses.

Direitos reprodutivos e sexuais constituem uma política ampla e mundial elaborada pelo conjunto do movimento de mulheres de todos os continentes aprovado e preconizado pela Organização Mundial de Saúde. Foram as mulheres que tiveram que investigar, sistematizar, evidenciar e apresentar aos governos as diferenças entre os gêneros feminino e masculino, que essas diferenças não definem que um sexo seja melhor que outro ou um mais competente que outro.

Compreender essas diferenças entre os gêneros contribui com dados epidemiológicos mais verdadeiros facilitando desta forma, políticas públicas que atendam as demandas específicas reprimidas, respondendo aos direitos da população e construindo saúde de qualidade com vantagens econômicas.

Quando a medicina moderna, por volta do século XVII, mudou a posição da mulher ao dar a luz, tirando-a da posição vertical para colocá-la na posição horizontal mudou profundamente a vida da mulher. A posição de parir é uma questão política. Deitada, olhando para o teto com as pernas levantadas ela jamais terá o controle sobre seu corpo e sobre seu parto, entrega o comando e o protagonismo e assume a condição passiva obedecendo ordens; “faça força, respire, não grite”.

¿Porque o parto domiciliar sofre perseguições? ¿Porque as Parteiras Tradicionais são discriminadas? ¿Porque religiões não cristãs sofrem preconceitos? ¿Porque

homossexuais masculinos e femininas são discriminados? ¿Porque crianças são maltratadas e violentadas? São várias as causas, as mais difíceis de serem enfrentadas são os sentimentos associados a mitos que ganham poder além de criarem factóides assimilados por fiéis. Isto não é diferente do totem, do bezerro de ouro, do cálice.

O lucro econômico sem dúvida está junto com a primeira causa, algumas concessões são feitas todas visando lucros e vantagens. Por exemplo, as populações de gays e lésbicas estão bastante visibilizadas e inseridas ao convívio social, tem revistas temáticas, programas de televisão, personagens de telenovelas afinal é um público de classe social alta, média e média baixa formadora de opinião - uma excelente fatia do mercado consumidor. Então se faz a política da boa vizinhança; entretanto, nunca é aprovada nos parlamentos a lei sobre a união civil enquanto direito, o que separa uma coisa da outra é o preconceito, a homofobia. Enquanto consumidores são reconhecidos como segmento social; enquanto cidadãos e cidadãs de direto não são reconhecidos.

O parto domiciliar é perseguido como uma prática absurda; construíram hospitais, laboratórios, farmácias, seguros de saúde, enfim, construiu-se uma indústria com um enorme investimento econômico e que portanto prevalece a lógica do lucro mas, além do neoliberalismo o poder é também pano de fundo das iniquidades o parto domiciliar revela o poder feminino, o controle familiar sobre a vida, e a espontaneidade do parir e do nascer, dar a luz.

Além do empoderamento da mulher o parto domiciliar caracteriza o ser e fazer feminino, mulheres ajudando mulheres, o saber popular sobre os rituais, as plantas medicinais utilizadas pelas parteiras tradicionais, xamãs, rezadeiras, raizeiros. Também configura o verdadeiro papel da medicina acadêmica e função dos hospitais, ou seja, prestar serviço de diagnóstico, assistência terapêutica, cirurgia e profilaxia, compreendendo que esta ciência não detém o saber absoluto e que, onde termina o direito de uns começa o direito de outros. Quer dizer: “existe vida inteligente além da medicina acadêmica e do modelo vigente de assistência”.

A violência sexual e doméstica é evidentemente contra mulheres e crianças, ou seja, sob a força bruta. ¿Quem disse aos homens que eles são seres superiores às mulheres? Eles mesmos. Enquanto as mulheres usavam os tempos conhecendo os meandros e lugares do ser e da vida na sua forma de pensar e de ver os homens na sua forma linear e sintética de pensar e fazer chegavam antes com resultados sobrepondo-se aos demais resultados.

Educados numa lógica sexista, a mulher tem a casa e o homem tem o mundo, estruturou a sociedade legislando em causa própria e elaborando leis que legalizassem seu direito de posse e autoridade sobre mulheres e crianças. Na idade média o homossexualismo junto com o sexismo e o racismo promoveu a mais perversa, desumana e obscura massacre contra mulheres na história da civilização. O instinto de sobrevivência é inerente à todo ser humano. Na Europa as mulheres sobreviventes da “caça às bruxas” por medida de segurança

adotaram a lógica masculina na educação dos seus filhos, sem perder sua crença guardada em segredo, mas, sem querer e sem saber reproduziram um comportamento que consolidou uma cultura linear, patriarcal. Tomados desse poder equivocado alguns homens espancam, estupram, torturam e matam mulheres por considerá-las criaturas inferiores e por considerarem-se supremos e absolutos. Também algumas mulheres só conhecem essa forma de pensar.

O fato de causarem traumas às crianças e deixarem inúmeras órfãs de mãe, não se incluem nas considerações ou responsabilidades desses homens. Por isso, após a ocorrência do fato a forma de contribuir para a mudança desse estado de coisas exige, conscientemente, encaminhar aos cuidados das instituições de segurança, saúde e justiça. Para prevenir, desconstruir essa lógica perversa é necessário que toda a sociedade, civil e governamental, invista o máximo em educação e garanta a universalidade e equidade da cidadania.

Justifico porquê acentuei ou destaquei questões de sexismo e discriminação racial a partir da gravidez, parto e nascimento e gênero. Sou Parteira Tradicional, herdeira das tradições das minhas bisavós e avós parteiras tradicionais, realizei em torno de 5.000 partos em trinta anos. Fundei a Organização Não Governamental *C.A.I.S. do Parto: Centro Ativo de Integração do Ser em Olinda, Pernambuco, Brasil*, e sou mentora e coordenadora da Rede Nacional de Parteiros Tradicionais.

Tenho aprendido muito ao longo dos anos e em companhia das minhas colegas parteiras indígenas, quilombolas, caboclas, caiçaras, pantaneiras, sertanejas, da floresta, das montanhas, do cerrado, dos pampas e urbanas, esse aprendizado tem me ajudado a colaborar com a transformação permanente da sociedade buscando intensiva e intensamente não mais me indignar porque não mais haverá iniquidades contra seres humanos e a natureza universal. Considero-me privilegiada porque no exercício do meu ofício tenho a oportunidade de aprender lições sobre o Ser, o existir e a beleza e simplicidade do que é real e verdadeiro.

Sobre la autora

Suely Carvalho, Brasil. É Parteira Tradicional. Fundadora do C.A.I.S. do Parto, e Coordenadora da Rede Nacional de Parteiros Tradicionais.

e-mail: c.parto@terra.com.br ; sucar@hotmail.com ;

Web: www.caisdoparto.org.br